

Tribuna da Luta Operária

Nº 14, ANO 1, DE 17 A 31 DE MAIO DE 1980 PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00



Osmar, no momento de sua prisão

Libertar os presos

Arrancar Lula e os outros companheiros presos da prisão é a principal luta política dos operários e do movimento democrático e popular neste momento. É uma tarefa também para o Movimento de Anistia, que em seu congresso nacional, em novembro último, decidiu exatamente que sua continuidade se daria com base na solidariedade aos movimentos dos trabalhadores. Nunca será demais denunciar a violência e arbitrariedade da repressão. Ainda no dia 11, membros do DOI-CODI tentaram uma provocação para reprimir os metalúrgicos ao insistir em prender Osmarzinho dentro da Igreja Matriz, durante a assembleia. Na véspera, haviam seqüestrado de sua casa, sob mira de metralhadoras, o diretor do sindicato, Juraci Batista. Basta de repressão — reclamar os seqüestrados.

CCO: objetivos e as tarefas

Pág. 3

As lutas no Araguaia

Pág. 4

Classe contra classe AGORA DENTRO DAS FÁBRICAS



Linha de montagem: o campo de batalha agora é aqui

Fortes, conscientes, organizados, os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema dizem: "voltar à fábrica não significa voltar a produzir". Adotam novas formas de luta, confiam no apoio ao fundo de greve e esperam que a solidariedade política se amplie (veja pág. 5). Estão firmes, e aprenderam muito na luta, como mostra a entrevista exclusiva de quatro membros do Grupo dos 15 (Comando de Greve) na página 5.

Editorial

A GREVE ACABOU A LUTA CONTINUA

Nada como a luta vigorosa de massas para desmascarar o regime. O general Figueiredo, que até há pouco jurava implantar a democracia e posava de populista, perdeu as estribeiras. A região do ABC foi transformada em praça de guerra para combater a greve heroica dos metalúrgicos. Reuniões proibidas, prisões, bombas e espancamentos, mostraram a farsa da abertura. Logo que os trabalhadores e o povo exigem com mais energia os seus direitos, os generais entram em cena, arrogantes e arbitrários. Na prática, embora não oficialmente, aplicaram no ABC o chamado "estado de emergência".

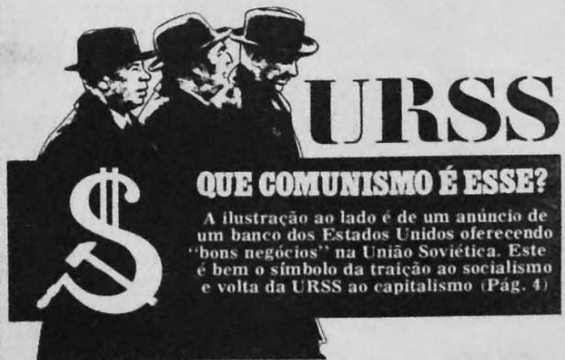
O povo aprende com a vida. A greve mostrou que enquanto perdurar este regime, em que os militares monopolizam o poder, as cenas de violência contra o povo se repetirão. Não se pode ter ilusão. Para garantir a liberdade, a grande tarefa é liquidar o regime. Somente um governo com participação dos movimentos operários e populares, juntamente com as forças democráticas, pode concretizar esta aspiração.

Os metalúrgicos deram um exemplo valioso. Não cederam às ameaças. Foi a sua luta decidida que despertou o povo e a classe operária em todo o país. E mobilizou amplamente as forças democráticas e populares. Terminada a greve, os metalúrgicos continuam sua luta com outras formas. Ao lado

do movimento popular e democrático, lutam pela libertação dos líderes presos. São doze presos políticos e a luta para que saiam das prisões tem grande importância, assim como a continuidade da luta contra a Lei de Segurança Nacional. Exigem também a recuperação dos sindicatos sob intervenção. E com vigor, dizem não às demissões. Lutam por negociações em torno de melhores salários e melhores condições de trabalho, além do pagamento dos dias de greve.

A luta grevista saiu dos limites econômicos, colocou frente a frente o regime militar e todo o movimento democrático. Mostrou a necessidade da unificação em todo o país dos movimentos operários e populares, de uma unidade popular, como base de uma ampla frente única para a derrocada do regime.

Agora, depois de cometer tropelias, o general Figueiredo fala em diálogo, pensa em amaciar o movimento operário. Mas os trabalhadores não têm memória curta. Encontraram uma resposta à altura, que só pode ser a de organizar-se melhor ainda para os novos combates: a de coordenar suas atividades com a de todas as categorias profissionais, unindo-se mais ainda aos demais movimentos democráticos e populares. Basta de governo dos reacionários, dos exploradores e das multinacionais! Esta é a resposta do povo.



URSS

QUE COMUNISMO É ESSE?

A ilustração ao lado é de um anúncio de um banco dos Estados Unidos oferecendo "bons negócios" na União Soviética. Este é bem o símbolo da traição ao socialismo e volta da URSS ao capitalismo (Pág. 4)

Crise do governo O PMDB e o povo Bahia: greve nos cafezais

Pág. 3

Pág. 3

Pág. 4



Trabalhadores rurais baianos querem ter vez na política

Povo luta contra fome

Recife, PE. No sábado, 3 de maio, cem donas-de-casa invadiram um posto de saúde na capital pernambucana e levaram para casa toda a alimentação para crianças. No mesmo dia, uma multidão de favelados tomava de um supermercado a comida de que precisava. Enquanto isso, no interior do Estado, a seca espalha a fome e também a revolta entre o povo. Nas regiões mais atingidas (Vale do Pajeú, Agreste Meridional, Vale do Ipojuca, Araripe e Arcoverde) os saques a armazéns já tiram o sono das autoridades.

Polícia toma universidade

Fortaleza, CE. Desde o dia 6 de março os estudantes da Universidade de Fortaleza (Unifor) estão em greve contra o aumento de 50% nas anuidades e por verbas para a educação. Mas as autoridades continuam intransigentes e no dia 8 de março um batalhão de tropas de choque da Polícia Militar, fortemente armadas, ocupou a Unifor.



Greve da Unicap: retomada do movimento em Pernambuco

Retomada da luta estudantil

Recife, PE. Os estudantes da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) fizeram uma greve de três semanas contra o aumento de 50% nas anuidades. Foi a primeira greve desde 1968. A frente do movimento esteve a nova diretoria do Diretório Central dos Estudantes.

Em Mirador a base tem a palavra

Guanambi, BA. Os trabalhadores rurais do povoado de Mirador querem ter voz ativa na luta política do povo. Reuniram-se com seus líderes, como Adalberto Muniz (Caetano) e Luiz Pereira da Silva e destacaram a necessidade da luta pela reforma agrária e da organização dos trabalhadores de baixo para cima.

Grilagem urbana

São Luís, MA. A maré destruiu em janeiro os barracos de cem famílias no bairro de Santa Cruz. O Povo foi e construiu outros, num bairro novo, Viena Cruz. Mas agora tem de enfrentar os jagunços armados de um tal Nani Rodrigues, e mais ordem de despejo, do juiz da 4ª Vara Civil.



Em Rio Branco o povo pobre ocupa terras da periferia e exige desapropriação

Invasões: pelo direito de morar

Rio Branco, AC. Um dia antes da chegada do ministro do Interior, Mário Andreazza, para lançar no Acre o "Pró-Morar", 500 pessoas concentraram-se para exigir a desapropriação de uma área de Rio Branco, o bairro da Bahia, invadida por 800 famílias em março passado.

Por um teto, contra a PM

Vitória, ES. Um verdadeiro exército está sendo usado contra o povo que está ocupando terras na periferia da cidade. Homens do Patrulhamento Tático Móvel e do Comando da PM, armados de metralhadoras, derubaram barracos, espancaram e prendem homens, mulheres e crianças. Mais de 60 pessoas já foram presas e muitas espancadas.



Haroldo: umiro povo e tarefa

A situação, as tarefas

Salvador, BA. Num auditório lotado por 350 pessoas, o ex-presso político anistado Haroldo Lima realizou uma palestra a convite da Tribuna, sobre "a situação atual e as nossas tarefas".

Chacon presente!

Fortaleza, CE. O movimento democrático e popular cearense acaba de perder, um companheiro de valor. Chacon. Ele foi um combatente anônimo do povo, que não tinha hora para trabalhar, não conhecia a palavra não. Com sua pequena grafia ajudou o quanto pôde as oposições sindicais, os movimentos pela anistia, as co-

A greve que não houve

O fracasso da greve dos motoristas e cobradores de São Paulo causou surpresa. Final, nas onze assembleias regionais se falava em greve e na assembleia geral de avaliação, de 25 de abril, havia 3 mil trabalhadores, num clima combativo. E a diretoria do sindicato parecia inclinada a mobilizar e organizar a categoria para a greve. Essa seria uma greve muito importante para a luta pela paralização da capital, torçaria a divisão das forças da repressão e contribuía para fortalecer o movimento grevista em São Bernardo. Por isso era também terminada pelo governo.

Vitória dos jornalistas

Vitória, ES. O Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo conseguiu, pela primeira vez no Estado, um reajuste de 42%, cinco por cento a mais que o índice do governo. E o que é mais importante: conseguiu delegados sindicais por empresa, com estabilidade, e se proporcional a categoria, assegurando avanço político e abrir

Ducha fria nos professores

Porto Alegre, RS. Os professores gaúchos de nível médio estão esperando que o governador do Estado atenda às reivindicações que encaminharam há quase um ano: equiparação com os professores de nível técnico, que recebem mais que um reajuste de 75% nas anuidades, contra apenas 56% este ano de nível médio.

Campanha amarrada

Porto Alegre, RS. A última assembleia da campanha salarial dos metalúrgicos foi bem diferente da anterior. A diretoria do sindicato convocou a assembleia só para realizar uma votação secreta, com forte presença policial, sem abrir a palavra. Só compareceram 2 mil trabalhadores e a maioria acabou aceitando uma proposta do Tribunal Regional do Trabalho, porque as condições se tornaram difíceis para a greve.

"Sindicato é uma arma"

São Paulo. Pela primeira vez depois de 16 anos de pelegrinação, uma chapa de oposição concorrerá na eleição para a diretoria do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, entre 19 e 23 de maio. A oposição irá pôr-se como uma necessidade da luta contra a exploração patronal, os pelegos e as leis repressivas.

"Força do povo"

São Paulo. Mais de mil moradores das vilas de Itaquera promoveram, no dia 27 de abril, uma assembleia popular reivindicando melhorias para o bairro. Na ocasião foi inaugurada também a Sociedade de Amigos "Força do Povo".

Toda esta energia não foi aproveitada

Porto Alegre, RS. Os metalúrgicos conseguiram mensais e estabilidade de um ano para a comissão de salários. E mais o grupo que edita o jornal "Nos Metalúrgicos" aumentou sua influência e agora assumiu a tarefa de organizar um movimento de oposição sindical.

Cruceros mensais e estabilidade de um ano

Porto Alegre, RS. Os metalúrgicos conseguiram mensais e estabilidade de um ano para a comissão de salários. E mais o grupo que edita o jornal "Nos Metalúrgicos" aumentou sua influência e agora assumiu a tarefa de organizar um movimento de oposição sindical.

Tiradentes absolvido

Cuiabá, MT. No dia de Tiradentes, nove associações de bairro se uniram para apresentar um teatro popular, que terminou com o julgamento do mártir da Independência. Os autores, mais de 50, também eram moradores dos bairros, auxiliados por João Batista, do Grupo de Teatro Selva.

Granja Portugal quer água

Fortaleza, CE. Centenas de moradores da Granja Portugal permaneceram, no dia 25, os jornais, rádios e a TV local, com cartazes, reivindicando água. Terminaram a caminhada no gabinete do prefeito de Fortaleza, que, como de hábito prometeu resolver o problema.

Vitória: INPC mais 20%

Cuiabá, MT. Os vigilantes de Cuiabá entraram decididos na luta por melhores salários. Seu salário era de 2.600 cruzeiros e tinham de trabalhar 12 horas para chegar aos 4.600 cruzeiros. Mas no dia 26 de abril decidiram por unanimidade entrar em greve, numa assembleia de 100 pessoas. E a greve foi um sucesso. No quinto dia eles con-

seguram 20% de aumento além do índice do governo.

Falando à Tribuna, o presidente da Associação dos Vigilantes afirmou: "A greve foi uma escola para nós e mostrou o quanto nós, trabalhadores, precisamos ser unidos para conseguir melhorar nossas condições de vida".

Tribuna Operária

Assinal a TRIBUNA OPERÁRIA. Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome
Endereço
Bairro
Cidade
Estado
IP
Fone

Esteja ciente de que o cheque de Cr\$ 500,00 para Editora Anita Comêlita Luta Banco Itaú Jac. Joaquim conta Nº 03154, São Paulo, Capital.

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Raquel, Dilair Aguiar.

Jornalista Responsável: Waldemar Martins.

Endereço da Redação: Rua Conselheiro Rangel, 581, Bela Vista - São Paulo - CEP 9123.

Recursos: Rio de Janeiro: Rua Joaquim Silva, 11, sala 30 - Lapa - CEP 20720.

Mina e Goiás: Rua Unitero Bodeviro 345/335 - Cidade Industrial, Contagem - CEP 30600.

Bahia: Rua Padre Vieira, 3, sala 307 - Salvador - CEP 41600.

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Comêlita Luta.

Endereço: Rua Beneficência Portuguesa, 41, esquina com Rua CEP 04500 - São Paulo, Capital. E composta por impressoras e oficinas da Cia. Editora Bruna.

TRABALHADOR FRONTAL E UNICA

A classe operária atua com maior decisão e seu avanço fortalece as condições para a formação de uma frente única democrática e de unidade popular.

Vivemos um rico momento, que devemos avaliar em seu justo valor. Com a greve do ABC, a classe operária tornou-se, durante seis semanas seguidas, o centro do movimento político nacional. Quando, em nossa história, isso ocorreu antes? Sob esse impulso vigoroso o movimento democrático e popular fez avanços consideráveis em termos de seu aprofundamento e unificação.

E vejamos como ficou o governo: tentou impor à força sua política de arrocho salarial. Assumiu o papel de super patrão, envolveu-se diretamente na luta. Com isso, pensava liquidar o problema em poucos dias. Enganou-se. Provocou a politização da greve, isolou-se ainda mais do povo e viu, com muita preocupação, aumentarem as divergências em suas próprias fileiras.

Crise de governo

Tudo isso quer dizer que o movimento operário vai ocupar seu lugar como força social, avança na luta em defesa de seus direitos e interesses. Ainda há debilidades importantes? Sim, de fato. E a principal delas é que o partido da classe operária, marxista-leninista, não o esteja dirigindo efetivamente. Suas lideranças, saídas do movimento espontâneo, nem sempre conseguem estar à altura das decisões mais ousadas. E às vezes são superadas pelo impulso das bases.

O governo deixou à vista o processo de aprofundamento de sua crise interna. Enquanto o ministro da Justiça ficava 24 horas sem saber o que acontecia, o Exército passava a dar um "tratamento militar" à greve, dando as ordens e impondo uma intervenção de fato em São Paulo. Assim, enquanto o governo federal engolia sapatos, para evitar uma divisão interna maior, o governador Maluf era reduzido a figura decorativa.

Porém, mesmo os chamados "duros" se viram sem força suficiente para levar à fim os seus propósitos. Tiveram que recuar várias vezes. Sua principal derrota foi no 1º de Maio, quando, apesar de todos os preparativos agressivos, não conseguiram impedir o movimento operário de conquistar a praça e o direito

de fazer uma das mais vigorosas manifestações políticas já ocorridas no país. As leis e instituições do regime deram mostras do seu processo de falência: o Tribunal Regional do Trabalho, depois de se declarar incompetente para julgar a ilegalidade da greve, logo em seguida, sob ordens do Exército, julgou-a ilegal. O DOI-CODI, passando por cima de leis e autoridades, prendeu legalmente vários líderes grevistas e fez uma ameaça direta à Igreja ao prender o jurista Dalmio Dallari. Preso inconsciente, sofreu torturas e foi levado para o FIESP, que foram à sua cela pressionando a fazer acordos que não atendiam aos interesses dos trabalhadores. Dizendo sempre cumprir a lei, o governo violou a Constituição ao impedir as assembleias dos trabalhadores, negando-lhes o direito de reunião. E agora, quando milhares de operários assinaram um abaixo-assinado assumindo total responsabilidade pelas decisões tomadas por seus líderes, a Lei de Segurança Nacional está posta em causa. Ou todos os trabalhadores são enquadrados como os seus líderes ou, que será o maior processo político já visto entre nós, ou que venha logo abaixo esse trambolho.

Resistência cada vez maior

A insistência do grupo que monopoliza o poder em manter sua organização antipopular encontra resistência cada vez maior, mesmo no seio da burguesia. A inflação, a dívida externa, o déficit comercial, cujo crescimento o governo não conseguiu conter, são exemplos do impasse a que os generais conduzem o país. Outro exemplo é o das eleições municipais deste ano, que o governo, certo da derrota, quer adiar, mas sem condições legais nem apoio parlamentar para tanto. E ameaça recorrer à intervenção em 4 mil municípios para fazer valer sua vontade autoritária. E inevitável que, diante disso, setores cada vez mais amplos falem da necessidade da convocação de uma Assembleia Constituinte para permitir uma alteração política ampla, em todos os terrenos de atividades.

É assim que a evolução política do

país vai colocando frente a frente duas forças: o regime pró-fabricado, onde predominam os militares, procura impor, de cima para baixo, suas soluções, decididas nos gabinetes do pequeno grupo que monopoliza o poder. Falando em abertura e usando o arbítrio, quer cercar as manifestações democráticas. Mas, de baixo para cima, encontra uma resistência cada vez mais forte e a ampliação da luta pela liberdade.

Unidade democrática popular

Na atual conjuntura, as diversas forças de oposição tendem a unir-se em torno de alguns pontos comuns. É uma aspiração generalizada quebrar o monopólio do poder, liquidar o regime militar e conquistar, de imediato, plena liberdade política, sem leis de arbítrio e sem repressão contra o povo. Toma corpo o sentimento da necessidade de substituir este governo por um outro, democrático e de unidade do povo, que garanta a convocação de uma Assembleia Constituinte, livremente eleita. Cresce também a exigência de uma nova política econômica, financeira, social, voltada para os interesses populares. Estes quatro pontos servem de base para a formação de uma ampla e combativa frente única, adequada à situação atual.

É certo que as várias correntes de oposição não vêem com os mesmos olhos essas mudanças. Para setores dominantes insatisfeitos, basta apenas a quebra do monopólio do poder, com a democratização das decisões somente para os diversos setores das classes dominantes. Outros, mais liberais, vão mais adiante e aceitam uma certa participação popular, mas sem abrir mão da hegemonia burguesa. Mas ocorre que a oposição popular e principalmente a classe operária vão atuando de maneira mais decisiva, manifestando-se de forma independente e já se preparam para disputar a hegemonia do movimento político. Assim, o movimento prático e a correlação de forças dentro dele vai apontando para a formação de uma frente única democrática e de unidade popular (Agostinho Lustosa).



A diretoria do CCO reúne-se pela primeira vez.

Centro de cultura operária

Foi fundado recentemente em São Paulo o Centro de Cultura Operária. Sua diretoria é composta essencialmente de operários e pessoas progressistas solidamente comprometidas com a causa proletária.

O CCO tem como finalidade divulgar e promover a cultura operária em seus diferentes aspectos: sua história, suas lutas, sua teoria.

Já na primeira reunião da diretoria do Centro contamos com a participação do estimado companheiro José Duarte. Discutiu-se as formas de concretizar os objetivos do CCO. Ficou claro para todos os participantes que sem dominar e aplicar o marxismo-leninismo é impossível à classe operária avançar na revolução e na conquista do socialismo.

Objetivos e tarefas

O Centro de Cultura Operária deve ser um instrumento a serviço da classe operária, da revolução e do socialismo.

A necessidade de um centro que propague a política do proletariado, sua forma superior de organização, sua teoria — o marxismo-leninismo, já vem se delineando há bastante tempo. No entanto, hoje é possível se criar o Centro de Cultura Operária graças ao avanço das lutas da classe operária e do povo em geral, ao grau de organização que se atingiu e às dificuldades que a ditadura vem enfrentando.

O CCO não se propõe a traçar a estratégia e a tática para a classe operária. Não se propõe tampouco a reformular — ou resgatar a teoria revolucionária. O que o CCO se propõe é a propagan-

dear a estratégia e a tática da classe operária. E, ao fazê-lo, luta também pela conquista dos objetivos imediatos da classe e do povo trabalhador, como melhores salários, estabilidade, direito de greve, etc.

Foram discutidas as tarefas prioritárias de Centro: cursos, palestras, debates, deverão ser preparados a curto prazo. Foi proposto também que tais atividades fossem levadas aos locais de concentração operária, próximo aos locais de trabalho e moradia.

Repercussões

Por outro lado, acusamos o recebimento de convites para participar do lançamento do CEP na Bahia, do Centro de Cultura Operária em Piratuba (S. Paulo), além do convite para participar de um ato público em Andradina e debater em Piracicaba. Isto vem comprovar o grande anseio da classe operária de discutir os seus problemas e o seu grau cada vez mais elevado de conscientização e organização.

O Centro de Cultura Operária conclama os operários, pessoas progressistas e o povo em geral a seguirem o exemplo de S. Paulo e organizarem outros centros com objetivos semelhantes.

O CCO encontra-se também à disposição dos sindicatos, sociedades amigas de bairros, clubes de mães e todas as entidades e movimentos populares que queiram trocar experiência conosco ou mesmo conhecer os materiais por nós divulgados. (Vital Estêvão, pela diretoria do CCO)

Partidos da oposição (III)

PMDB diante do dilema: conciliar ou combater

Uma das dificuldades notáveis de oposição popular, durante a greve dos metalúrgicos do ABC, foi para expressar, a nível nacional, o significado político daquele movimento e aglutinar forças em seu apoio. A classe operária força imposta pelo regime, através da reforma partidária, deixou de ser uma frase para mostrar que é de fato um obstáculo concreto, uma pedra no caminho da oposição popular, em particular da classe operária, que a impede de expressar-se politicamente e de ter acesso ao parlamento.

Nenhum dos partidos de oposição com existência legal pôde desempenhar esse papel. O PT mostrou sua impotência. O PTB, seu adesivo ao governo. Os liberais, que dirigem o PMDB, mostraram-se contraditórios. Foram ativos principalmente nos momentos em que as limitadas conquistas democráticas dos últimos tempos se viram ameaçadas. Sua situação que, no plano parlamentar foi a mais destacada, demonstrou a correção da opinião daqueles setores da oposição popular que defendem a validade de uma aliança com os liberais. Enquanto persistir o regime de negação da liberdade, haverá razões objetivas para essa aliança porque esses setores liberais também estão interessados na ampliação das liberdades políticas, conforme acabam de demonstrar.

Faltou consequência

Mas quem acompanhou os acontecimentos também pôde observar na prática a limitação e a ambiguidade da ação dos liberais. Ao mesmo tempo que se esforçavam para garantir os direitos violados dos trabalhadores, eles não tinham condições de ir adiante. Em parte porque não lhes cabe traçar diretrizes para a ação da classe operária. Mas também porque está na essência do comportamento dos burgueses liberais um componente de conciliação, de "bombeiros", diante das situações de crise.

Faltou, no plano dos partidos legais, ao nível parlamentar e extraparlamentar, uma posição mais consistente em



Políticos do PMDB entre operários

defesa da causa dos operários. Capaz de não permitir que a solidariedade à greve se limitasse quase que unicamente ao nível material, e que mobilizasse amplamente a solidariedade política de vastas camadas da sociedade, em lutas específicas dos vários setores, que se unificassem nacionalmente capitalizando o enorme potencial antigovernista e obrigassem o governo a recuar de sua intinsigência e arrogância.

Faltou, uma situação parlamentar mais combativa e afinada com os interesses da classe operária e do povo, que no momento mesmo da greve, tivesse a iniciativa de apresentar ao parlamento projetos de mudanças ou revogação das leis de arrocho salarial, de greve, sindical e de segurança nacional, mobilizando a opinião pública do país contra toda essa legislação antidemocrática que sufoca o movimento operário e popular.

Tendência Popular, um recurso

A Tendência Popular do PMDB, ainda não organizada e enfrentando grandes obstáculos, não atuou como tal durante a greve, embora parlamentares e ativistas que a compõem tenham se destacado na ação em seu apoio. Mas a

própria limitação e ambiguidade dos liberais do PMDB, mostrou também que esse partido não possui um instrumento ativo das lutas populares se dentro dele, conforme, aliás, prevê o item 6 dos princípios básicos de seu programa, se organizar uma corrente política representativa da oposição popular. Cabe a essa tendência popular, enfatizar as posições mais avançadas do programa partidário, atuar combativamente para abrir espaço dentro do PMDB para a defesa dos autênticos interesses populares.

Isto é, os acontecimentos também mostraram que enquanto persistir essa situação em que o regime nega à classe operária e a diversas camadas populares o direito de organizar-se politicamente, a organização de uma representação da oposição popular dentro do PMDB é igualmente uma necessidade objetiva para que os movimentos populares possam ter voz naquele partido. E que só de dentro da oposição popular é que podem sair propostas para a superação da crise econômica, social e política em que o país se encontra.

Pela plena liberdade

Mas, ainda que a Tendência Popular consiga superar todos os obstáculos do governo, os reformistas e conciliadores procuram antepar à sua organização, ela será uma corrente minoritária, sempre questionada, dentro de um partido reformista. Sua organização será uma grande vitória da oposição popular, fator aglutinador da frente dos setores populares. Mas terá limitações, já que é um esforço para furar o bloqueio imposto à oposição popular pelo regime e ao mesmo tempo para os generais. Ocupará a custo de muita luta um espaço que lhe é negado e só existirá na medida em que conte com apoio das massas populares e em que o consiga de fato, instrumento ativo a serviço das lutas do povo.

É inequívoco que, mesmo assim, dentro dessa conjuntura de limitações, a Tendência Popular surge como a alternativa mais ampla e mais avançada de representação política da oposição popular. Porém, as dificuldades que a cercam são o indicador claro de que a classe operária e o movimento popular não podem esquecer, mas insistir sempre e acima de tudo na necessidade de plena liberdade de organização partidária. Para que o PC do Brasil, partido da classe operária, venha a organizar-se legalmente, assim como outras forças de raiz popular, hoje todas banidas da vida política. (Carlos Azevedo).



No 1º de maio, Washington de Souza discursou para a multidão.

Ele fala das lutas na Bahia; esteve nelas

Ele é um pedaço da história do movimento sindical na Bahia. Washington José de Souza tem 55 anos, eletrista, com 21 anos de militância sindical. Ele é quem conta: "Aprendi ler e li Marx, Lênin e outros autores. Aos poucos fui me integrando no movimento revolucionário. Em 1958 vim do Rio para a Bahia, transferido pela empresa na qual trabalhava. Trabalhei na instalação da refinaria, em Mataripe, até ser demitido porque a empresa não cumpriu o programa e greitei para trabalhar na Petrobrás, onde fundei o Sindicato dos Trabalhadores no Refino de Petróleo, e novamente fui demitido. Voltei a trabalhar como eletrista, filiei-me ao sindicato, fundei o Sindicato, mas sua diretoria era manobrada pela Federação.

Congresso de eletricitistas

"Fundei a primeira Liga Matriz, em Lauro de Freitas, mais tarde dirigida por Porfírio e transformada em Liga Camponesa. Participei da fundação de associações camponesas, inclusive em Itaituba no alto São Francisco. Num chapa de obrigação, fui eleito presidente do sindicato dos eletricitistas, em 1959. Como companheiros de chapa Liga, vouto combatente. Em dois mandatos, o sindicato firmou-se como entidade de luta no cenário político baiano, sendo solidário a todos os trabalhadores em luta e participando de importantes congressos de trabalhadores. Quando fazíamos greve os operários da construção civil também paravam.

Em 1963, foi fundada a Federação

dos Trabalhadores na Indústria Imobiliária. No mesmo ano, em Salvador, realizamos o congresso dos eletricitistas com a presença de sindicatos do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia. Foi assistido por dirigentes cubanos que estavam em visita ao Brasil. O sindicato tinha 300 associados conscientes e combativos.

Greve vitoriosa

Já se discute a necessidade de transformar a estrutura social brasileira e a greve era o grande instrumento de luta. A situação dos delegados sindicais nas empresas era estável. Entretanto, quando o delegado do Trabalho proletário o reconhecimento de alguma entidade, arrancávamos a oficialização com greve. Legalizamos a Federação dos Trabalhadores na Indústria Imobiliária com mil operários em greve.

"Desta greve nasceu o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Imobiliária, de Candeias e São Francisco do Conde. Eram trabalhadores da Petrobrás discriminados, não reconhecidos como petroleros. A paralisação foi vitoriosa. Assegurou transporte e melhores salários, apesar de Mário Lima e Milton Valença, dirigentes de sindicatos petroleros não terem dado apoio. Apoiamos a invasão da Terra Vermelha, em Cachoeira, lanças lá derrubou as cercas feitas pelos grileiros. Fizemos o pacto operário-estudantil, depois ampliado para pacto operário-estudantil-companhas". Na próxima edição continuaremos contando a história da vida e das lutas de Washington Souza, no período pós-1964. — Entrevista a Maria Schaun e Artur de Paula, da sucursal de Bahia.



A polícia começou: provocou, bateu, jogou gás. A paciência dos operários se esgotou. Protestaram e reagiram. O resultado foi uma batalha de mais de dez horas, nas ruas.

Além do comando a greve

Entrevista com quatro membros do Grupo dos 15, que dirige a luta dos metalúrgicos de São Bernardo

A assembleia do dia 11, que decidiu levar a luta para dentro das fábricas, acabou há poucos minutos. No salão dos fundos da Igreja Matriz de S. Bernardo, cheio de pilhas de sacos e latas de mantimentos do Fundo de Greve, quatro metalúrgicos se reunem em volta de uma mesa. P. da Brastemp, K., da Mercedes Bens, B. da Volkswagen até três dias antes da greve (foi mandado embora) e A., da Rolls Royce.

Os quatro andam na casa dos vinte anos de idade. E fazem parte do famoso "Grupo dos 15", o segundo escalão de líderes de S. Bernardo e Diadema, que assumiu o comando da luta quando a polícia prendeu Lula e quase toda a diretoria efetiva do Sindicato. Eles contaram para a Tribuna o que esta liderança levou e emergente pensa sobre o movimento que vem comandando há quase um mês, para o desgozo do governo, que tentou decapitar o sindicato.

A: No balanço destes 41 dias, o mais evidente é o grau de combatividade e de independência política que os trabalhadores manifestaram o tempo todo. E o que é independente neste momento? E assumir o seu próprio destino, se organizando nos bairros, nas fábricas, antes da greve. E, como resultado desse trabalho de organização, um avanço muito rico nas formas de luta. Por exemplo, em relação aos piquetes e ao Fundo de Greve, o próprio pessoal foi assumindo por conta própria. Isto para mim mostra um tremendo grau de independência política. Além disso, um negócio extremamente positivo: o espírito de unidade dos trabalhadores e de todo o povo em torno da classe operária. Esta realmente mostrou qual é a classe que puxa as lutas pela democracia. Há ainda o sentido de solidariedade internacional dos trabalhadores.

Agora eu acho que existem algumas debilidades também. Apesar desse alto espírito de solidariedade, a gente também viu uma certa debilidade na intervenção mais radical de todos os trabalhadores do país, o que seria uma greve em uma forma de paralisação de todos os trabalhadores. Podia ser uma greve geral, podiam ser manifestações parciais...

E essa debilidade, pra mim, não reside em que os trabalhadores são mais radicais ou menos radicais em tal ou qual lugar. Mas uma política sindical está precisando ser definida neste país com mais combatividade.

K: Eu acho que esta greve prolongada, de 41 dias, teve avanços, saltos de qualidade, muito grandes. Os dirigentes sindicais, que comandaram o processo de luta, tiveram um avanço político muito grande. E o que é mais importante



Aprendendo a não temer a polícia Há um ano o pessoal já perguntava: como enfrentar a polícia?

é que a classe trabalhadora como um todo cresceu de um ano pra cá. É impossível se comparar o sentimento de classe que havia no ano passado com o deste ano. Avançou a organização nos bairros, e organização do Fundo de Greve. E a organização pelas fábricas, vai acontecer agora, vai ser o maior salto político que esta greve vai dar.

Outra questão: uma greve prolongada é uma greve de resistência. E nós vimos

trabalhadores de todos os setores do Brasil e de vários setores do mundo se organizando em função de nos dar um apoio político e financeiro. Se fosse pela organização do Fundo de Greve, pela organização nos bairros, a gente conduzia essa greve por dois anos. Mas greve é um processo transitório. A paralisação fora das fábricas foi um estágio. O segundo estágio vai ser dentro das fábricas.

Só para dar um exemplo, em relação ao Fundo de Greve: os possesores lá de S. Félix do Araguaia foram expulsos da terra deles, algum tempo atrás. Estão se reorganizando, no mata, pra poder tomar as terras de novo. Pois bem: esse pessoal, numa situação assim, difícil pra burro, se reuniu, levantou um dinheiro, dois mil cruzeiros, e mandou pro Fundo de Greve. Isso é pra ver a importância da greve do ABC pro avanço da luta operária e camponesa no Brasil inteiro. E no mundo.



De volta à fábrica, para lutar

Agora, na fábrica, vamos lutar no nosso terreno

B: Essa greve revelou o nível político da classe trabalhadora. Agora ela não é simplesmente por melhorias econômicas. A questão que está sendo levantada pelo pessoal é a política. O pessoal começa a adquirir também uma disposição clara pra mudar esta política. A gente vê uma disposição pra mudar até o governo. Pra uma luta pra scudir mesmo esse regime. Isso ficou claro pra gente.

Outra coisa é a capacidade de organização. E uma coisa que, cada vez mais, vai muito além do que a gente imagina. É uma capacidade infinita.

P: O movimento foi planejado, a gente tinha mais ou menos previsto. Só que algumas coisas surpreenderam — pontos negativos e positivos.

Pontos positivos seriam: Muita organização espontânea que a gente foi descobrindo, nos bairros. O próprio operariado já está se organizando. Quando você chegava assim no bairro, era convocado numa reunião, o pessoal já estava discutindo desde antes da greve. Também a conscientização que o pessoal chegou a atingir. Hoje a gente não vê ninguém falar que o sindicato agiu errado, o pessoal já previa esta dificuldade toda, sabe que o grande culpado de tudo foi a repressão.

B: Quanto a este negócio de repressão, tem um negócio que eu venho pensando. Eu acho que faltou, depois da greve do ano passado, uma avaliação assim mais concreta da parte da gente, daquele pessoal mais ativista de S. Bernardo. Eu acho que se a gente tivesse avaliado poderia partir do que foi a greve do ano passado pra frente. No fim da greve do ano passado o pessoal já levantava esta questão, como enfrentar a polícia?

E aqui, este ano, a gente repete quase que as mesmas dificuldades. A gente sente que na questão da repressão a gente caiu na defensiva. Pelo menos esta foi a orientação da Comissão: defensiva. Então vem aquele caso: se não dessem o campo, na praça, se não dessem na praça, na igreja, se não dessem na igreja, na casa... Até que a massa começou a exigir uma posição mais forte da Comissão. No 1. de Maio, a nossa posição era

fazer a passeata. Mas com o aparato repressivo a gente estava indeciso. Foi a massa que começou a organizar a passeata, lá na rua. Na segunda-feira, a mesma coisa. Foi a massa que começou a enfrentar a polícia. E a avaliação que a gente fez foi de que aquilo foi positivo, repercutiu e aumentou o moral do trabalhador operário, o cara que trabalha na máquina, conhece aquilo profundamente. Aquilo lá é terreno dele. Nós, agora, vamos lutar no nosso terreno. Dentro da fábrica a gente conhece onde estão as ferramentas, cada local onde se pode atuar, e a gente pode fazer um monte de coisa. Todo peão tem a consciência do que ele pode produzir e o que ele pode boicotar. E esse boicote, se é um negócio realmente massivo, é a guerrilha dentro da fábrica.

A: Tem gente que fala que isso é um apelo muito geral. Mas este apelo geral é a resistência passiva dos trabalhadores, que com a criatividade que eles têm, vão fazer o diabo dentro de cada fábrica. O trabalhador não precisa ter tudo muito certo e direitinho. Precisa de uma direção. Esta direção está colocada no boletim.

B: O negócio é que nem o percurso de um rio. Na medida que a gente volta pra fábrica, volta ao antigo leito, o eixo da luta vai pra fábrica. Mas a gente vai deixar esses bairros minados, vai deixar lá a organização.

A: Com relação ao sindicato, o mais importante foi conseguido. O sindicato somos nós. O espírito sindical, o espírito de luta da classe operária, se faz em qualquer lugar.

Mas, mesmo assim, a gente não vai deixar de pegar um território que é nosso, que é aquele prédio. A gente vai programar tudo em relação a isso, desde não deixar um minuto de paz pro interventor e a camarilha dele lá, até a gente invadir esse sindicato com a nossa presença e fazer nossas assembleias lá dentro.



Unidos, dispostos a vencer

Do mata, os possesores mandaram dinheiro para o fundo de greve

B: Uma das grandes coisas que empurraram essa greve, além da vontade da massa, do custo de vida alto, foi o sindicato. Ele deu confiança aos operários.

Por isso — é um consenso da Comissão toda — a gente mantém que deve retornar aquele sindicato. Apoiar o mesmo o interventor, levar os problemas pra ele resolver. E a gente não levanta a questão de eleição. Queremos é o retorno da nossa diretoria ao sindicato.

A: Este grupo dos 15 é que nem um dedinho na mão. Se não fosse a Comissão de Salários e o pessoal do Fundo de Greve, a gente não poderia ter exercido este papel de coordenação que a gente exerceu.

Agora, o que eu acho mais positivo neste Grupo dos 15 é que a gente assumiu a direção do movimento com um alto espírito de unidade. Tinha um relação à diretoria do sindicato como em relação a todo o movimento. Foi o espírito da gente, de sempre procurar o apoio, viesse de onde viesse.

Todos estes canais que foram criados, Comissão de Salários, Fundo de Greve, organizações nos bairros, souberam colocar pra gente o termômetro do movimento, para se saber onde avançar, saber dar um passo atrás, saber modificar a tática da luta, saber organizar melhor.



ABC espera apoio: greve geral

Precisamos que façam greves de apoio. Meu desejo é greve geral

K: Como o A colocou, uma coisa importante é que se criou no Grupo dos 15 uma unidade de trabalho e de pensamento. Não houve mais aquelas discussões bizantinas nas reuniões. Ontem na reunião, o companheiro V. fez uma proposta. Depois, fizeram outra e ele retirou a dele porque achou que a outra era melhor. Isso aconteceu muito nas reuniões.

B: A experiência do Grupo dos 15 foi positiva mesmo. Foram companheiros de base mesmo, que aprenderam a manejar com a coisa. A questão da direção, como dirigir uma greve.

A gente desenvolveu o nosso espírito de vigilância, nos dois sentidos: a vigilância com a repressão, em todas as formas, em como fazer reunião. Realmente a gente precisa tomar cuidado, porque a gente considera o Grupo dos 15 como a cabeça e se perder a cabeça a greve pode continuar, mas continua de uma forma desorganizada.

A gente desenvolveu também a vigilância contra os reformistas, contra os que queriam conciliar e os que lutaram contra a nossa greve. Houve várias tentativas de tomar a direção dos trabalhadores, vindas de elementos conciliadores, reformistas, uns ligados ao parlamento, alguns ligados ao pessoal da "Unidade Sindical". Mas a gente estava totalmente vigilante. Aonde a gente via que tinha gente querendo decidir o nosso destino, caía de sola. Isto foi uma experiência mesmo altamente positiva.

A: A gente viu durante a greve, não no jornal nem nada, mas na luta mesmo, quem é que está a fim de levar a emancipação do povo pra frente e quem não tá, quem é bombeiro neste país e quem não é. Foi na prática mesmo. Nego queria conciliar, fazer média: "não, isso é muito radical, não pode, pode trazer problema", e a gente via o sentimento dos trabalhadores, que é lutar, com bom senso, sabendo em cada momento como fazer, mas para levar a luta até o fim.

Foi assim que a gente pode distinguir, dos dirigentes sindicais, quais estão do nosso lado. A gente vê João Paulo, David de Moraes, Jacó Bittar, uma série de companheiros que sempre estiveram do nosso lado. E a gente viu uma porrada de nego ali, com quem a gente vai até somar em alguns momentos, mas que está a fim de apagar o fogo da nossa luta.

Por exemplo: quando foi feriado que se formamos uma comissão unitária de

solidariedade — que é algo que nos interessa muito — aqui no Estado de S. Paulo. A gente sempre disse que não importava de onde vinha o apoio, mas importava que ele fosse o mais unido possível, para ser mais eficaz. E a gente viu que a "Unidade Sindical" (da qual a gente participa e vai continuar a participar) e algumas tendências mais estreitas aí quiseram de todo modo capitanear o

movimento por decreto e não pelo seu trabalho. Neste momento, a gente viu que quem trabalhava é que devia ter direito à palavra. Por exemplo, a Frente Nacional do Trabalho foi no 1.º de Maio e falou porque tinha um enorme trabalho.

A: Esse pessoal que voltou ao trabalho nos últimos dias de greve, porque estava numa situação insustentável, já está dando uma resposta. Muitas cabines de caminhões lá na Mercedes já estão voltando para reparo. Muitos motores já estão sendo que se revisados. Isso porque o pessoal tá botando aquela fé no serviço... a fé da gente continuar a luta.

B: No setor que trabalhava lá na Volks, na prensa, eu já imagino o que vai acontecer porque antes da greve já tinha a operação março lenta. E alguns companheiros já faziam essa coisa. Por exemplo: o ferramentista, nas prensas, ele pode colocar o estampo torto e as peças saem tortas. Ou o controlador de peça, que toda peça passa na mão dele, pode mandar peça rachada pra linha. Se o peão da linha tá consciente, ou ele manda de volta, para atrasar a produção, ou ele taca no carro e isso vai dar problema. Na linha, é apertar o parafuso pela metade, que vai dar problema. O peão, o trabalhador brasileiro, tem a malícia suficiente para fazer esse tipo de coisa.

B: O pessoal que voltou esta semana voltou organizado. A ferramentaria da Volks escreveu uma carta e mandou pra Comissão de Salário e pra diretoria. Foi um reunião de 130, mais ou menos. Eles colocavam que iam voltar ao trabalho segunda-feira, tendo a aprovação da assembleia ou não, mas iam voltar para continuar a luta lá dentro. E com todo respeito pela Comissão e a diretoria. Vários setores, da Volks, da Mercedes Benz, da Scania, fizeram isso.

O negócio que a gente defende é começar a sistematizar essa organização, com as comissões de fábrica. E isso que a gente vai procurar tirar como saldo organizativo dessa greve.

Tribuna: Que tipo de solidariedade vocês desejam, neste nova fase da luta?

K: Greve geral. A. Desejo e uma coisa, acontecer é outra. Eu desejo uma greve geral. Realmente acho que só com uma greve de todos os trabalhadores, com manifestações estudantis e tal é que a gente consegue fazer isso. Embora isso não seja o determinante.

Esse negócio de greve geral não é só a gente que cotoca. Qualquer pessoa chega pra você na rua e comenta: "Essa greve de vocês é bonita, mas precisa parar todo mundo".

P: Financeiramente também a ajuda é importante, porque algumas empresas vão começar a mandar pessoas embora. E estas pessoas terão que ser sustentadas pelo nosso Fundo de Greve, que vai continuar.

B: É isso que o A. falou. Há possibilidades de declarar greve mesmo. Até que a gente tem que cobrar de Campinas não teriam a possibilidade de fazer greve? E preciso cobrar dos estudantes, por exemplo, que a gente achou eles trouxeram, nessa greve. Com toda a capacidade que eles têm de mobilização, eles podiam tirar passeata aí na rua, pedindo a negociação, a solução dos presos, tudo isso. Eu acho que por falta de organização deles, eles estão errando.

Foto de cima: Maria Hilborn, Vanja Coimbra e Aluísio dos Santos.



"Fala o Povo" é uma das seções mais importantes de nosso jornal. Uma seção viva e vibrante, onde o povo fala de sua vida, de sua luta, de seus sofrimentos e suas vitórias. Continuem a escrever. Denunciem a tirania e a exploração, relatem seus problemas e seus êxitos. Contribuam para que "Fala o Povo" continue a ser uma seção combativa, uma tribuna de luta. (Olívia Rangel).

Operários do ABC, estamos com vocês!

Em março de 1980, na fábrica Bardella a comida no refeitório era insuportável. Alguns diziam que era pior do que ração de porco. Os operários da fábrica se uniram e começaram a boicotar a comida, o que ocorreu durante dois dias, apesar da chefia tentar dividir o movimento. A maioria, cerca de 90% no primeiro dia e 60% no segundo dia, aderiu ao movimento, o que deixou o Sr. Bardella com dor de estômago. Mas os operários foram vitórios e graças a essa luta, a comida melhorou. A comida, a condução e a assistência médica do Bardella não são nenhum favor do patrão porque para isso ele tem incentivos fiscais. Com isso, alguns operários são

Não há paz em Alagamar

Nos agricultores de Alagamar, Melo de Melo e Piacás só ouvimos a propaganda botada pelo governo nos rádios e sabemos que na TV também está passando estas propagandas. Somente se diz que o governador fez a paz em Alagamar, mas nós estamos esperando a paz que ainda não chegou. Mesmo nestes dias que o rádio e a TV falam a toda hora de paz em Alagamar algum botou nos jornais "O Norte" e "A União", no domingo, 13 de abril, que um agricultor matou o Severino Juvinio. Nós sabemos quem colocou isto nos jornais e qual a intenção. Gente da classe operária não foi e nem acontecerá isto aqui. Aqui em Alagamar reside um agricultor de nome Severino Juvinio

mas ele está vivo e não aconteceu nada com ele. Ele nunca foi a favor da comunidade e é dessa cooperativa que está atrapalhando demais nossa comunidade. Por causa dessa cooperativa é que não tem paz em Alagamar, porque antes de ter esta proposta de cooperativa ali, aquelas pessoas que eram contra a comunidade estavam se aproximando por modo de ser comunitário como nós. Como nós sabemos, a Inira e outros doutores do governo pegaram aqueles do contra e é nunca lutaram em favor de nossa comunidade e fundaram esta cooperativa.

E o Inira e outros doutores do governo que estão dando apoio a estes do contra, que estão punindo os amigos pra brigar isto

Pai, você trouxe pão? Não, só um abraço

Nos, os vigilantes de Cubatã, sempre defendemos os bens alheios de uma maneira justa e honesta. Mas sentimos uma grande falta de condições para manter nossas famílias. Unidos partimos para esta luta para darmos aos nossos filhos o pão de cada dia. Portanto, aqui estamos pedindo apoio a todos os irmãos que têm espírito humano para que possamos unidos vencer. Pois um pai de família honesto sente o coração retalhado de ver seu filhinho vir lhe encostar todo satisfeito e perguntar: pai, trouxe pão? E o pai lhe dá um abraço e nada mais tem condição de dizer. E o que faz tudo isso é simplesmente o salário miserável que recebemos.

Com tudo isso, nossa greve foi julgada ilegal por falta de uma associação registrada, dizem alguns homens da lei. Mas a nós não interessa fazer associação ou não e esperar deferimento até morrer de fome e ver nossas famílias caírem em esgotamento físico que na realidade é fome, falta de alimentação adequada. Um pai de família que ganha 3 mil cruzeiros por mês tem condição de manter a família? Contamos com a colaboração e o apoio de todos: da Ordem dos Advogados, das Igrejas, das associações de estudantes, e de todo o povo amigo de Cubatã (Os vigilantes de Cubatã, MT).

acontece muitas vezes, e vamos dar uns exemplos. Cortaram um rodado pra comunidade em Maria de Melo. A comunidade plantou. E depois de ser plantado, o dr. Gilberto, o dr. Jason e a dr. Marlene tomaram da comunidade e deram para um sócio da cooperativa, o João Manoel Ferreira. (...) São mesmo os doutores do governo que estão desafiando a comunidade pra brigar (...).

Que paz é esta em Alagamar? A paz só pode reinar em Alagamar quando for desapropriada a grande Alagamar e o governo der em mão de cada um dos agricultores o seu título de terra. (Meradores de Alagamar, Melo de Melo e Piacás, PE).



Pobre unido é pobre forte

Quando a gente diz que esse governo representa os interesses dos ricos estrangeiros e dos ricos nacionais e que esse governo o pobre só serve para ser explorado e humilhado, é porque todo dia topamos com esta verdade. E quem é pobre sente isso todo dia. Já não bastam os baixos salários que recebemos nas firmas onde trabalhamos, o péssimo transporte coletivo que suportamos e a carestia de vida que tá difícil de aguentar. Vem um representante da FEEMA dizer para os diretores da Associação dos Moradores do Conjunto Habitacional da Avenida Brasil (Rio) que o trabalho de desmatamento do grão só se destina à população da área restrita entre a zona sul e a Tijuca. Quanto ao serviço do fumacê só chega até o bairro de Ramos. Parece incrível, mas é pura verdade. Nós pagamos impostos, somos cidadãos brasileiros, vacinados, cumpridores dos nossos "deveres". Por que então está discriminação? Por sermos pobres? Justamente! Por sermos pobres!

Então como a gente pode solucionar esses problemas, se não

temos poder nenhum para modificar essa paliçada? A resposta é: unido. Pobre unido é um pobre forte, suficientemente capaz de modificar o que ele deseja. Nesse sentido é que eu, como morador do conjunto e sócio da AMCHAB, vejo por demais importante o fortalecimento de nossa associação. Participando, discutindo e analisando os problemas que nos cercam é que iremos fortalecer a comunidade. Também é nesse sentido que a AMCHAB tem promovido diversas manifestações de protesto contra o total abandono em que se encontram o conjunto e suas imediações por parte das autoridades competentes.

Por esse motivo se realizou no dia 28 de abril uma manifestação em forma de nufrão para exigir o direito que a gente tem de usufruir de um rio limpo e canalizado, sem ratos, baratas e mosquitos. Nessa ocasião foram convidadas diversas autoridades, mas nenhuma compareceu. Mesmo assim fizemos a manifestação e contamos com o apoio de várias associações de moradores do Rio. (F.E.A.V. - Inaja, RJ).

Pomar, um operário te saúda

A entrevista de João Amazonas na Tribuna Operária sobre o destemido dirigente comunista Pedro Pomar, que lutava pela união e a vigilância do País, me levou a relatar uma lembrança sobre ele.

Em 194... no Recife, quando Pomar estava assistindo à preparação da Conferência do Partido, um delegado representante o município de Olinda foi reconhecido como traidor do movimento revolucionário de 1935. Foi desmas-

carado, obrigado a entregar sua credencial e a retirar-se do recinto. Pomar tomou uma atitude firme. Era nessa época jovem e autêntico operário, ligado à produção como ajudante de serralheira. E foi então indicado por Pomar como delegado. Mas como certos dirigentes não gostavam de operários, a comissão foi curta. Lembrou-me de Pomar por ter me indicado como operário. (Um operário metalúrgico - Rio de Janeiro, RJ).

Povo unido para não ser comido

Para todo um povo sofrido, venho dizer minha opinião. Só que é simples e mal escrita, mas feita com o coração.

Ache que todo trabalhador tem mais que nunca estar unido seja operário, camponês, servidor pra gente não ser comido.

Comido por esses estrangeiros sendo os americanos primeiro, também pelos exploradores que se dizem brasileiros.

Nosso dia há de chegar. Não temos nada a perder. De uma coisa eu sei: de fome, ninguém quer morrer.

Maneiras, a gente tem muitas. As greves aí estão pra mostrar. E os camponeses em armas exemplo estão a nos dar.

Então todo povo vai ter alegria de viver. Com poder, trabalho, terra, cada vez mais se desenvolver.

(Moléis, o poeta do povo - São Paulo, SP)

Em Caxias do Sul até no 1º de Maio patrões exploraram o operário!

O verdadeiro motivo que me levou a traçar estas linhas é um fato que aconteceu aqui em Caxias do Sul, mais precisamente na grande indústria de meios de transporte Rondal S/A. Uns vinte dias antes do 1º de Maio, a direção da empresa Rondal S/A, achou por direito convocar o pessoal para efetuar um balanço no dia do trabalhador. Para clarear mais: os operários teriam que trabalhar no seu próprio dia, para engordar mais seus opressores.

Naturalmente, assinados os estatutos, os operários não tiveram outra escolha senão trabalhar, ou sofrer as consequências da não aceitação da ordem. Acredito que todos sentiram ter que trabalhar num feriado, mas a realidade do emprego falou mais forte. Eu mesmo, como todos precisamos de



No Rio de Janeiro, o Dia do Estudante Secundarista

Homenagem a Edson Luis é lutar

No dia 28 de março os grêmios do Rio de Janeiro promoveram um show pela passagem do Dia Nacional do Estudante Secundarista. Este show contou com a colaboração de diversos estudantes caricatos, que mostraram com sua organização o outro lado do estudante secundarista: aquele lado que a repressão pensou destruir com o fechamento da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) e das diversas entidades estaduais.

Hoje, o estudante secundarista se levanta para a união, sofrendo

alguns problemas, mas com coragem de enfrentar e lutar até a o dia da liberdade, quando estudantes, trabalhadores, enfim todo o povo tiver as mínimas condições de vida.

O dia 28 de março foi escolhido como dia nacional do estudante porque foi nesse dia, em 1968, que a repressão assassinou o bravo secundarista Edson Luis. Esperamos que este dia seja lembrado sempre pelos que lutam por uma melhor qualidade no ensino e pelas liberdades deste povo oprimido. (L.F. - Rio de Janeiro, RJ)

Mais respeito aos artesãos!

A cada dia que passa mais aumentam as perseguições a hippies, artesãos e artistas em geral que expõem nas ruas e praças do Brasil. Quando o governo não toma o trabalho artístico ou artesanal como o mesmo seja exposto.

De fato, o que o governo deveria fazer era prestigiar e até incentivar a arte e o artesanato e não perseguir pessoas que pacatamente estão tentando sobreviver, ao invés de roubar ou ficar sem fazer nada. Ao perseguir e dificultar a vida dos hippies, artesãos e artistas que expõem nas ruas e praças, o governo deseja aumentar o índice de criminalidade, deixando muitos até sem emprego.

O objetivo desta carta aberta é solicitar ao governo e ao povo em geral uma maior compreensão, incentivo e apoio para a arte e o artesanato no Brasil, que são também trabalhos. Um artista ou artesão também é um ser humano: produtivo e positivo para a sociedade. A arte e o artesanato merecem a maior respeito por parte do governo. (L.R.T. - São Paulo, SP)

Denúncia contra os grileiros de Viseu

A Colônia de Baixinho, no Pará está invadida por um grileiro chamado José de Freitas. Os colonos pedem energia providência em relação a esses fatos que vêm ocorrendo com os mesmos. Há um ano José de Freitas está fazendo invasões nas terras de Izardim de Arua.

A situação de Vila de Alegre esta terra está sendo invadida por um grileiro chamado Cristiano Lopes. Este povo destas localidades pede que se tome providência providências quanto aos fatos que vêm ocorrendo. A colônia de Japim está sendo ameaçada por 10 grileiros, sendo o chefe deles Onilis, fazendeiro de Pirã, pertencente à BR-316. Os colonos todos afirmam que a Condu não tem terra e está alojada nas terras dos posseiros.

As situações das colônias de Agua Preta, Valdemar, Livramento e Pirã, estão sendo destruídas pelo fazendeiro Meje desde 19/2 e pedimos providências do nosso governo. E o povo da Colônia Beija Flor e Centro Alegre está sofrendo a mesma ameaça por parte da Cidadã e pede as mesmas providências. Cachoeira e adjacências vêm sofrendo ameaças dos grileiros de Cidadã, José de Freitas e Ricardo.



A FASE apóia os camponeses de Viseu

Os fatos ocorridos no município de Viseu nos últimos meses atestam mais uma vez a situação de abandono e miséria em que se encontram as massas camponesas e operárias em nosso país, vítimas da brutal exploração que sofrem por parte dos que detêm o poder econômico e político. Mais uma vez os exploradores do povo apelam para ações violentas e covardes a fim de procurar quebrar a resistência heroica dos camponeses na luta pela defesa de sua

terra e seus direitos. Queremos expressar nosso repúdio a todos esses atos de violência ocorridos no município de Viseu e prestar todo nosso apoio e solidariedade aos camponeses pela luta que vêm desenvolvendo por seus direitos, reafirmando nossa crença de que é na luta e organização autêntica do povo a partir das bases que se encontram a esperança e a certeza de dias melhores. (FASE, Equipe Salgado Bragança - Castanhal, PA)

Os colonos da Vila de Alegre que viviam para o Km 104 da Pará Maranhão estavam se dirigindo a uma missa na Vila do Km 42 às 16 hs, da noite foram atacados pela polícia do Alto Bonita e os que dirigiam o carro gritavam para que matassem as pessoas de Alegre.

Os colonos afirmam que é mentira, que nunca o padre mandou ninguém matar e invadir terra de ninguém. Mas como amigos, a voz do povo é a voz de Deus. Poder do povo é o poder de Deus. (Posseiros de Viseu - Castanhal, PA)

O Deus do Bradesco é o dinheiro

O Bradesco tem razões suficientes para ser o maior banco particular da América Latina, pois usa das mais variadas formas de exploração de seus funcionários, passando por cima da CLT, que já é feita nos moldes da burguesia.

A falta de liberdade e a regressão aos funcionários chegou a tal ponto que proíbe a todos dar ou receber telefonemas. Quem desconhece essas arbitrariedades é imediatamente demitido, como está acontecendo constantemente com nossos companheiros.

O Bradesco, o banco "que acredita em Deus" com seus imensos lucros paga salários que não dão para satisfazer as mínimas necessidades de seus funcionários. Anual por cima, transgredindo acordos salariais. A ajuda de custo do pessoal que trabalha à noite não chega às mãos da maioria. Além do mais, obriga os funcionários a trabalharem com grimas aparçadas, ou seja, bem vestidos, cabelos e barbas cortados. Será que o salário de fome do Bradesco permite que seus funcionários usem bons trajes?

As condições de trabalho são as piores possíveis, a começar pelas irregularidades de horário, principalmente noturno. Existem setores em que os funcionários trabalham 8 a 14 horas consecutivas, sem descanso, com uma merenda oferecida pelo banco que se resume a um pão doce ou queijo e copo de refresco. Merenda esta que é feita enquanto trabalha, pois nem são permitidos os 15 minutos de descanso obrigatório após 4 horas de trabalho consecutivo.

Companheiros: estas são apenas algumas irregularidades que estão vindo à tona. Existem muitas outras que precisamos denunciar ao nosso sindicato aí está. Mas onde se encontra a diretoria, que não toma conhecimento das nossas dificuldades? A omissão contribui com a exploração e consequentemente aumenta o lucro dos patrões. E necessário que cada colega dos diversos departamentos esteja atento. São organizados em comitês de trabalho e forçando o sindicato a assumir nossas lutas podemos dar um basta a esta situação. (Organização Sindical Operária - Salvador, BA).

Resultado da Rifa

Comunicamos que a rifa de um quadro de Efilas Andreito, promovida pela Tribuna Operária, ocorreu no dia 10 de maio, pela Loteria Federal, sendo premiado o número 2.200. O vencedor pode entrar em contato com nossa redação, para receber o prêmio. Aproveitemos para agradecer a todos que participaram da rifa, ajudando a sustentar o jornal.

Posseiros derrubam cerca

São 50 famílias, com cerca de 500 pessoas, que moram em Ilha Grande, região vizinha de Jequié, Bahia, com uma área de 5 mil hectares. Já moram ali há 150 anos, onde a terra passa de pai para filho, todos trabalhando na roça. Por lá não existe escola, a água provém de uma cisterna, o médico fica a 4 km de distância, o médico fica a 7 km e cobra 500 cruzeiros por consulta. Ali as mulheres morrem de parto com frequência e uma vez morreram quatro crianças em apenas uma semana.

Há dois anos, o sr. José Gomes Guimarães (Zito Gomes), grande fazendeiro da região, começou a ameaçar os moradores de Ilha Grande, afirmando que era dono daquelas terras. Chegou mesmo a mandar pistoleiros para arremedrar os posseiros. O certo é que nunca apresentou nenhum documento que comprovasse ser ele o dono das terras. Em 19/3, Zito Gomes mandou medir e cercar toda a região, só ficando de fora as casas.

Os posseiros, procurando solução para tamanho roubo, foram ao prefeito da cidade mais próxima (firmal). Daí seguiram para Salvador a procura de amigos do prefeito. E no final, pararam diante de um advogado desonesto o bastante para ficar com os recibos dos posseiros e nada resolver.

Ao torarem informados de que deviam procurar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jequié. Juntamente com o advogado do Sindicato tem-se tentado a todo custo reunir os documentos que o advogado de Salvador até hoje não devolveu. Ele afirma que só devolve os documentos mediante o pagamento de 10 mil cruzeiros por cada posseiro.

Diante de tamanho roubo e desonestidade os posseiros não puderam esperar por mais nada. Reuniram-se e derrubaram a cerca, que era feita de fora as casas. Hoje com 88 anos, moradora da antiga Ilha Grande acha que o pessoal não deve entregar sua terras. "Os donos somos nós que estamos aqui há 150 anos". (F.F. - Jequié, BA)

João Carlos Brasil



5 de maio: repressão violenta causou a revolta. Acima, o deputado Airton Soares convencendo Osmarzinho a entregar-se. A direita, cena da passeata de mulheres.



Vanessa Lumbroso

No ABC, resistência operária

Na última assembléia, advertência aos patrões: "atrás de cada máquina terão um trabalhador em guerra".

"Os companheiros ferramenteiros, sabem o que devem fazer?", pergunta o orador. Uma parte dos 5 mil operários que superlotam a Matriz de S. Bernardo levanta o braço, punhos cerrados: "Sabemos!" Ele continua: "Os companheiros operadores de máquinas, sabem ou não sabem o que fazer?" E assim vai passando em revista toda a categoria, a heróica categoria dos operários metalúrgicos de S. Bernardo do Campo e Diadema: os inspetores de qualidade, os ajudantes de produção, os eletricitistas, mecânicos, os reparadores de máquinas. E todos levantam a mão. Eles sabem o que fazer. Em seguida, Wagner, também do Grupo dos 15, recomenda: "Deixem o amor na porta da fábrica". Depois de 41 dias de greve, iniciou-se ali uma fase nova na luta contra os patrões e o governo.

Produção esculhambada

U boletim do sindicato define as tarefas desta nova fase: "Voltar a fá-

brica não significa produzir. Toda forma de boicote é válida. Nenhuma hora extra! Ela é o fundo de greve do patrioi! Marcha lenta! Reduzir a produção! Nenhuma peça a mais! Quanto menos melhor! Esculhambiar a qualidade! Vamos arrancar a estabilidade na marra: companheiro demitido, máquinas paradas até a readmissão! Chefe puxa saco e dedo duro têm que aprender a respeitar o trabalhador. Cada um já sabe o que tem que fazer". Os objetivos da luta também estão definidos: "Todas as reivindicações da nossa pauta: libertação dos nossos presos, devolução do nosso sindicato, reintegração da diretoria".

Agora é a guerrilha

Um pélo, na porta da igreja, dá risada e comenta com os colegas: "É, a gente vai voltar. Mas também, coitado de quem comprar estes primeiros carros! Quando ligar o limpador de para-brisa, vai acender o farol".

Logo nos primeiros dias depois da

assembléia, já apareceram os frutos desta nova tática. Algumas empresas, como a Toyota, reconhecem que sua produção caiu bastante. Outras tentam esconder a verdade da opinião pública, como aliás fizeram durante toda a greve. Mas muitos peões, na porta da fábrica, não fazem segredo de suas proezas. Um pintor, da Volks, explica como uma pequena mudança na química das tintas faz a lataria descascar em poucas horas, sob a ação do sol. Outro operário conta das peças que "esqueceu" de lixar e vão enferrujar logo, logo.

De certa forma, a fase anterior da luta podia ser comparada a uma guerra de posições. As batalhas, políticas ou campais, se davam pela conquista do estádio de Vila Euclides, do Paço Municipal, da Praça e da Igreja da Matriz... Enquanto que agora o que existe parece mais uma guerra de guerrilhas. Não existe mais linha de frente, nem retaguarda. As máquinas, que sempre foram instrumento dos patrões, viram armas nas mãos dos operários.

Cedo para um balanço

Mas a luta não é só dentro das fábricas. E fora também, nos bairros, no sindicato sob intervenção, nas ruas. Está marcada para o dia 25 próximo mais uma assembléia geral da categoria. E a

perspectiva, em seguida, é de uma grande manifestação pública, dos operários e de todos os que se sentem solidários com eles.

Não existem sinais de um fim próximo para o enfrentamento entre os metalúrgicos, sustentados pelo povo, e as multinacionais, escuradas por Figueiredo. Portanto, ainda é cedo para um balanço. Enganam-se os exploradores que já cantam vitória e os frouxos que já choram a derrota. A luta continua.

Numa luta deste porte, é inevitável que ambos os lados saiam chamuscados. As montadoras de automóveis de S. Bernardo deixaram de produzir 75 mil veículos durante a greve e agora estão com uma produção que em boa parte só presta para a sucata.

Importância das reservas

Do lado dos metalúrgicos, as baixas também são consideráveis: Lula e vários outros líderes de prestígio presos, os sindicatos sob intervenção, as demissões em massa que abrem claros importantes justamente quando a organização dentro da fábrica assume mais do que nunca uma importância de vida ou morte.

Nun quadro destes, cresce a importância das reservas, de um e do outro lado. Os patrões acionam as suas - o

governo antioperário, a polícia e o Exército, a grande imprensa, rádio e TV, instrumentos de sua propaganda. Os operários valem-se de suas reservas internas, do capital político e organizativo que acumularam com o aprendizado destes dias. E apelam para suas reservas externas, em primeiro lugar, à solidariedade política de seus irmãos de classe e do povo em geral.

O fato é que o governo do general Figueiredo está jogando tudo do lado dos capitalistas e transformou a campanha salarial do ABC num enfrentamento direto com o regime militar. Diante disso, a tarefa da solidariedade ganha uma nova dimensão, maior ainda do que quando as fábricas estavam vazias.

Aumenta a importância da ajuda material, pois as demissões se realizam às centenas e ameaçam atirar muitas famílias metalúrgicas numa situação de miséria.

Na opinião do comando de greve, porém, a solidariedade mais importante é a política, ativa e de massas. E também os peões de S. Bernardo esperam, da sua classe e do povo em geral, uma resposta à altura do momento extremamente grave que o governo do general Figueiredo provocou com sua política de fome e opressão. (Bernardo Joffily)

Tribuna da Luta Operária

Homenagem a um piqueteiro: estilingue

"Como nós vamos ter que voltar ao trabalho amanhã, em Santo André, eu, que estive no quebra-quebra de São Bernardo hoje, (dia 5) vou dar os meus dois estilingues, como medalha, aos dois melhores piqueteiros que conheci nesta luta". O jovem operário encaminhou-se para os companheiros e os "condecorou" com os estilingues.

Esta cena causou emoção entre os 150 metalúrgicos presentes a uma reunião num bairro próximo de Santo André. Principalmente porque quem fez isto foi o "Alemano", um rapaz brincalhão e que até ali parecia que estava na luta por brincadeira.

"Alemano", que já trabalhou em inúmeras fábricas do ABC, é um exemplo da evolução do nível de consciência dos jovens operários durante as últimas lutas grevistas. Ele conta:

"Na greve de 78 eu não participei de nenhuma reunião. Aproveitei o tempo para assistir desenho animado na TV. Em '79, eu trabalhava em São Caetano e tive que participar mais devido ao sindicato ser fraco. Fiz piquete, levei folhetos e participei das assembléias. Cheguei a entrar numa assembléia com a bandeira do Corinthians e por isto fui vaiado. Fiquei chateado e me afastei".

Alemano dá uma risada e prossegue: "Eu era moleque. Agora nesta greve eu comecei a participar mais. Particpei das reuniões no bairro e falei no microfone. Não tive nem tempo de dormir. De madrugada era o piquete, depois ia à Assembléia. Também ajudei o Fundo de Greve, coletando dinheiro nas fábricas de São Paulo. E à noite, participei de todas as reuniões. Hoje sei que a greve não é ficar parado em casa ou no

boteco, esperando que os outros resolvam as coisas por nós".

Aquela reunião em que Alemano deu os estilingues estava carregada de entusiasmo devido à luta contra a polícia na assembléia da manhã. Ele falou calmo, não fazendo migalhas como nas outras vezes e, com raciocínio lógico e compreensivo, criticou os colegas que não foram à assembléia decisiva, e os perigos de seu sindicato.

"Para mim a greve foi positiva. Nós abatamos o governo, eles que se dizem tão fortes. E além disso, chamamos a atenção, de todo o país e do mundo. Eu cheguei a ver uma parede de 3 por 7 metros cheia de telegramas de apoio. Muitos mocos como eu começaram a participar. Eram acomodados e agora estão lutando.

Os operários e os soldados

Durante a passeata do 1º de Maio, um operário, acompanhado de vários companheiros, criticou duramente um soldado.

"Você não tem vergonha? E tapado mesmo! E se teu filho ou o de um amigo estivesse aqui, lutando, você também estaria aqui, jogando bombas? Não vê que estamos lutando pelo que é de direito? Você está sendo tapado. Deixa dar pancada no governo que te manda".

Como este, inúmeros outros confrontos entre trabalhadores e jovens soldados ocorreram. E muitos soldados rasos tiveram momentos de indecisão frente à pressão da multidão de manifestantes. Segundo o metalúrgico que criticou o PM, este não reagiu, "baixou a cabeça e começou a chorar".

Durante a manifestação, várias vezes os operários e o povo repetiram duas palavras de ordem: "Soldado, irmão, não entra nesta não" e "Soldado, soldado, também é explorado". E nas assembléias metalúrgicas, todas vigiadas pela repressão, os grevistas costumam cantar com empolgação uma estrofe da música *Caminhando*, de Geraldo Vandré, que diz: "Há soldados armados, amados ou não, / quase todos perdidos de armas nas mãos, / nos quartéis lhes ensinam antigas lições, / de morrer pela pátria e viver sem razão".

Alguns soldados reprovaram, em voz baixa, a ação de agentes do Dops contra a multidão na missa do 1º de Maio, que ocasionou o primeiro incidente com grande correntia. Vários deles ajudaram as crianças e mulheres para não serem pisoteadas.



"GREVE GERAL"

Nestes dias movimentados, a idéia de uma greve geral anda solta, em S. Bernardo e no Brasil. Foi uma das palavras de ordem que mais empolgou os metalúrgicos em greve, durante o 1º de Maio. Chegou a ser levantada como uma possibilidade até por Arnaldo Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, que está longe de ser um sindicalista radical.

A greve geral e até mesmo as greves locais de solidariedade estão terminantemente proibidas pelo regime militar. Provavelmente isto pesou bastante para que a solidariedade à greve do ABC, apesar de toda a sua extensão, não tenha produzido quase nenhuma paralização nos locais de trabalho. Mas os senhores João Baptista Figueiredo, Delim Netto e companhia, que andam dizendo que as greves são um fenô-

meno natural no sistema capitalista, devem saber que as greves de solidariedade e a greve geral são igualmente naturais. Agora mesmo, a Suécia foi paralisada por uma greve de um milhão de trabalhadores (a população total do país é de 7 milhões), que conseguiu um aumento salarial de 6,8%, quando os patrões só queriam dar 2%. Os sindicatos ingleses convocaram também uma greve geral para o dia 14.

O fato é que a idéia continua circulando, de boca em boca, pelo Brasil agora. Quando a mesma idéia passa pela cabeça de milhares, milhões de trabalhadores, é porque estão amadurecendo as condições para que ela se transforme em ação prática. E nestes casos não há lei nem decreto que consiga impedir. A história recente do Brasil está de prova.

O OPORTUNISMO E A LUTA OPERÁRIA

As raízes, o conteúdo e as formas de um mal que no fundo trabalha para perpetuar a escravidão capitalista.

O movimento operário brasileiro luta em duas frentes: a externa, contra os patrões e o governo; e a interna, contra o oportunismo. O 1º de Maio em S. Bernardo mostrou que cada batalha pelos direitos dos trabalhadores precisa triunfar nas duas frentes para ser vitoriosa.

Mal inevitável

O oportunismo é um fenômeno mundial, tão velho como o movimento operário e, de certa forma, inevitável. A própria situação do proletariado dentro da sociedade capitalista cria o terreno para o seu surgimento.

A classe operária não vive fechada numa redoma. Sofre a influência e a pressão das outras classes e camadas sociais. A cada momento, milhares de camponeses, artesãos, pequenos patrões errantes etc. transformam-se em operários, trazendo sua mentalidade para dentro da classe. Além disso, a burguesia corrompe com altos salários uma minoria de operários que passam a viver e pensar como pequeno-burgueses, tendendo para a tração. E, finalmente, os setores parlamentares, religiosos, estudantis, intelectuais etc., que buscam alianças com o movimento operário, tentam também, consciente ou inconscientemente, introduzir pontos de vista estranhos à classe operária.

Tudo isso faz com que tendências e correntes oportunistas levantem sempre a cabeça, aqui ou ali. E quanto mais cresce a crise social e política, mais febril se torna a sua atividade.

O objetivo não é nada

Já no fim do século passado, o rematado oportunista alemão E. Bernstein resumia seu pensamento dizendo: "O movimento é tudo, o objetivo não é nada". Hoje, como naquele tempo, a essência do oportunismo continua a ser esta: abandonar os objetivos finais do movimento operário em troca de vantagens de momento; arriar a bandeira da luta pelo socialismo para acomodar-se dentro do capitalismo, pedindo apenas que ele seja "civilizado" e não "selvagem".

Como o camaleão

Ao avaliar uma greve, por exemplo, o oportunista só enxerga se as reivindicações imediatas foram alcançadas ou não. Nunca se pergunta qual foi o resultado em termos de organização e consciência de classe. Despreza os passos que a classe operária dá no sentido de cumprir sua missão histórica e acabar com a exploração do homem pelo homem. Para o oportunista, o socialismo é no máximo uma palavra bonita e óca, para ser usada em discursos e programas.

Mas, se a essência do oportunismo é sempre a mesma, sua aparência varia ao infinito. Ele é elástico, escoregado, viscoso, e sustenta-se como marivasta mas só sempre às circunstâncias. Hoje fala grosso, amanhã afina. Como o camaleão, muda de cor conforme o meio ambiente. E representando a influência de certas atitudes de representantes do PT ou da Igreja no movimento operário, apresenta particularidades dependendo dos interesses que representa.

No Brasil de hoje, o P.C.B. Brasileiro ainda é a força mais caracterizada e mais "consequente" no seu oportunismo. A marca registrada da sua linha é apresentar-se como marxista mas só utilizar do marxismo aquilo que for inofensivo para as classes dominantes e seu regime. Mas é igualmente oportunista a ala sindical representada pelo pelego Joaquim de Andrade. O mesmo se pode dizer da proposta que o PTB de Brizola apresenta aos trabalhadores. E não há como não considerar oportunistas certas atitudes de representantes do PT ou da Igreja no movimento operário.

Por se apresentar sob várias formas, o oportunismo requer um tratamento diferenciado. Mas por manter sempre a mesma essência, de renúncia aos objetivos finais da classe operária, exige um combate permanente, sob pena de o movimento operário marcar passo em vez de continuar avançando.